



COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O. Carm. Ano XVI - III Série N.º 147 - Outubro 2013

CONSAGRAÇÃO DO MUNDO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Oração do Papa Francisco



No final da Missa celebrada frente à Basílica de S. Pedro, por ocasião do Ano da Fé, o Papa Francisco reza o Ato de Entrega a Nossa Senhora de Fátima perante a sua imagem que veio da Capelinha das Aparições

Nossa Senhora de Fátima,
com renovada gratidão pela tua presença materna,
unimos a nossa voz à de todas as gerações
que Te proclamam bem aventurada.
Em Ti celebramos as grandes obras de Deus,
que nunca se cansa de inclinar se com misericórdia
sobre a humanidade, afligida pelo mal
e ferida pelo pecado, para a curar e salvar.
Acolhe com benevolência de Mãe
o ato de entrega que hoje fazemos com confiança,
diante desta tua imagem que nos é tão querida.
Estamos certos que cada um de nós
é precioso aos teus olhos
e que nada do que se encontra
nos nossos corações Te é estranho.
Deixamo nos alcançar pelo teu dulcíssimo olhar
e recebemos a consoladora carícia do teu sorriso.
Guarda a nossa vida entre os teus braços:
abençoa e robustece todo o desejo de bem;
vivifica e alimenta a fé;
ampara e ilumina a esperança;
suscita e anima a caridade;
guia a todos nós no caminho da santidade.
Ensina nos o teu amor de predileção
com os pequenos e pobres,
com os excluídos e sofredores,
com os pecadores e os de coração perdido:
reúne a todos sob a tua proteção
e entrega a todos o teu amado Filho,
Jesus nosso Senhor.
Amen.

PAPA APRESENTA A VIRGEM MARIA COMO EXEMPLO DE FÉ HUMILDE E SOLIDÁRIA

No dia 12 de Outubro, no Vaticano, numa catequese diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda da Capelinha das Aparições, o Papa Francisco disse que Maria é um exemplo de fé para todos os cristãos.

“Toda a sua vida foi seguir o seu Filho: Ele é a estrada, Ele é o caminho! Progredir na fé, avançar nesta peregrinação espiritual que é a fé, não é senão seguir a Jesus; ouvi-lo e deixar-se guiar pelas suas palavras”, afirmou, perante dezenas de milhares de pessoas reunidas na Praça de São Pedro para a Jornada Mariana do Ano da Fé.

Francisco destacou a “humildade, misericórdia, solidariedade” que derivam desta fé, a qual leva também à “firme repulsa da hipocrisia, do fingimento, da idolatria”.

“O caminho de Jesus é o do amor fiel até ao fim, até ao sacrifício da vida: é o caminho da cruz”, sustentou.

O Papa disse ainda que a fé de Maria permitiu que Deus “tomasse carne”, algo que se deve repetir na vida de cada católico, “para que Ele possa continuar a habitar no meio dos homens”.

“(Isso) significa oferecer-lhe as nossas mãos, para acariciar os pequeninos e os pobres; os nossos pés, para ir ao encontro dos irmãos; os nossos braços, para sustentar quem é fraco e trabalhar na vinha do Senhor; a nossa mente, para pensar e fazer projetos à luz do Evangelho; e sobretudo o nosso coração, para amar e tomar decisões de acordo com a vontade de Deus”, prosseguiu.

Francisco declarou que a imagem vinda de Fátima ajuda os presentes a “sentir a sua presença” como “uma mulher de fé, uma verdadeira crente”.

Nesse sentido, a catequese centrou-se sobre a “fé de Maria”, capaz de desatar o “nó” da incredulidade, um problema que o Papa comparou ao que acontece “quando uma criança desobedece à mãe ou ao pai”.

“Algo parecido acontece no nosso relacionamento com Deus. Quando não o escutamos, não seguimos a sua vontade e realizamos ações concretas em que demonstramos falta de confiança nele – isto é o pecado –, forma-se uma espécie de nó dentro de nós”, precisou.

Estes “nós” tiram “a paz e a serenidade” às pessoas, acrescentou Francisco.

Maria, venceu Francisco, é alguém que “precede”, “acompanha e sustenta” os católicos no seu caminho de fé.

“A fé de Maria enfrentou a incompreensão e o desprezo; quando chegou a «hora» de Jesus, a hora da paixão, então a fé de Maria foi a pequena chama na noite”, recordou.

Esse percurso encontrou o seu “ponto culminante” com a “alegria da fé, a fé cristã na morte e ressurreição de Jesus Cristo”.

“Como está a nossa fé? Temo-la, como Maria, acesa mesmo nos momentos difíceis, de escuridão? Tenho a alegria da fé?”, questionou o Papa.

No dia seguinte, dia 13, na celebração da Eucaristia, na homilia, o Papa Francisco alertou para os riscos de uma cultura do “provisório” que incapacita as pessoas de assumirem ou manterem compromissos.

“Sou um cristão intermitente, ou sou cristão sempre? Infelizmente, a cultura do provisório, do relativo penetra também na vivência da fé”, alertou, na missa conclusiva da Jornada Mariana do Ano da Fé, na Praça de São Pedro, perante dezenas de milhares de pessoas.

Francisco convidou os participantes a “nunca seguir pela estrada do provisório”, que “mata”, após ter recordado as ocasiões em que cada um se terá entusiasmado “por qualquer coisa, por uma iniciativa, por um compromisso”, mas depois, “ao surgirem os primeiros problemas”, desistiu.

“Infelizmente, isto acontece também com as opções fundamentais, como a do matrimónio. É a dificuldade de ser constantes, de ser fiéis às decisões tomadas, aos compromissos assumidos”, observou.

O Papa aconselhou as famílias a dizer “com licença, desculpa, obrigado”, sublinhando em particular a importância desta última atitude: “Quantas vezes dizemos obrigado a quem nos ajuda, vive perto de nós e nos acompanha na vida?”.

A intervenção partiu da figura da Virgem Maria e dividiu-se em três pontos: “Deus surpreende-nos, Deus pede-nos fidelidade, Deus é a nossa força”.

“Deixo-me surpreender por Deus, como fez Maria, ou fecho-me nas minhas seguranças, materiais, intelectuais, ideológicas, dos meus projetos? Deixo verdadeiramente Deus entrar na minha vida? Como Lhe respondo?”, perguntou Francisco.

O Papa frisou que a própria Maria ficou “admirada ao ver que Deus, para Se fazer homem, a escolheu precisamente a ela, jovem simples de Nazaré, que não vive nos palácios do poder e da riqueza”.

“Deus surpreende-nos sempre, rompe os nossos esquemas, põe em crise os nossos projetos, e diz-nos: confia em Mim, não tenhas medo, deixa-te surpreender, sai de ti mesmo e segue-me”, assinalou.

Essa surpresa, prosseguiu, exige “fidelidade” para seguir Deus, a exemplo do que aconteceu com Maria, cujos “muitos «sins» que culminaram no «sim» ao pé da Cruz”.

CARMELITAS CELEBRARAM CAPÍTULO GERAL

“Uma palavra de esperança e de salvação”- viver o carisma e a missão do Carmelo, hoje”

A Ordem do Carmo celebrou o Capítulo Geral de 2 a 21 de Setembro de 2013, em Sassone, no “*Il Carmelo*”, uma Casa e Espiritualidade Carmelita situada nos arredores de Roma.

AS Constituições dos Irmãos da bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo definem o Capítulo Geral nos seguintes termos: “*O Capítulo geral, que detém na nossa Ordem a autoridade suprema, é o principal sinal de unidade da Ordem na sua diversidade. É o encontro fraterno, no qual reflectimos comunitariamente para nos mantermos fiéis ao Evangelho e ao nosso carisma e sensíveis às necessidades dos tempos e dos lugares. Através do Capítulo geral, toda a Ordem, deixando-se guiar pelo Espírito do Senhor, procura conhecer, num determinado momento da história, a vontade de Deus para um melhor ser-viço à Igreja*” (Constituições, 255).

Esta reunião geral realiza-se de seis em seis anos e nela tomam parte o governo geral da Ordem, os responsáveis dos vários países e lugares aonde a Ordem se encontra e outros delegados e especialistas eleitos e/ou convidados para nele tomarem parte.

O tema do Capítulo Geral de 2013 foi: “*Uma palavra de esperança e de salvação*”- viver o carisma e a missão do Carmelo, hoje”.

O Capítulo começou com uma Eucaristia Solene e com a bênção dum ícone de “*Nossa Senhora da Evangelização*” propositadamente pintado por umas monjas carmelitas para este encontro da Ordem.

Na primeira sessão, a que presidiu o Prior Geral ainda em exercício, Frei Fernando Millán, foi lida uma carta escrita pelo Papa Francisco aos Carmelitas. Nesta carta – cujo texto de pode encontrar na página web da Ordem do Carmo www.ordemdocarmo.com – o Santo Padre convida os carmelitas a renovarem o seu *Obséquio* (seguimento) de Jesus Cristo, a serem pessoas de *Oração* e espiritualidade e a viverem a sua *Missão* em fidelidade à sua identidade e em união com toda a Igreja.

Os primeiros dias do Capítulo foram preenchidos com a leitura de vários relatórios que traçam um retrato do estado da Ordem no mundo. Pelo meio, há conferências e momentos de reflexão que ajudam os participantes a assimilarem a informação, a lê-la à luz da Palavra de Deus e a partilhá-la em comunidade.

Seguem-se as eleições para os ofícios do governo central da Ordem para o sexénio que se inicia. Foi reeleito o Prior Geral, **Frei Fernando Millán**, bem como o seu Conselho composto por mais sete frades.

Depois de eleito o Governo, passou-se à votação de propostas apresentadas e que traduzem em decisões práticas o tema do Capítulo.



Há, também, tempo e espaço para a participação de outros ramos da Família Carmelita, em particular as monjas contemplativas, as irmãs de institutos agregados de vida activa, leigos e grupos juvenis.

Neste encontro, em que estão mais de 130 pessoas, há também espaço para o convívio e a confraternização entre culturas e nacionalidades diferentes.

Apesar das dificuldades na vida da Ordem em algumas partes do mundo, no final do Capítulo fica uma mensagem de esperança e de confiança no futuro! Se, na Europa e na América do Norte, há uma diminuição dos confrades e das vocações da Ordem, na América do Sul, África e Ásia há um assinalável crescimento, com muitos jovens a abraçarem esta vocação. Em particular, em África, a Ordem tem fundado várias novas presenças em países de missão e aonde os Carmelitas nunca tinham estado.

Na mensagem final – que será publicada em breve – reflecte-se de forma evidente este futuro de esperança. Ao mesmo tempo, e para uma renovação da Ordem nos países aonde se encontra em crise, os carmelitas são exortados a uma fidelidade aos seus valores essenciais: *Oração-Contemplação*; *Vida Fraterna* intensa, marcada pela simplicidade pessoal e comunitária; e pelo serviço generoso aos homens e mulheres do nosso tempo. Num contexto de Nova Evangelização, os Carmelitas têm levar Deus às pessoas e trazer as pessoas até Deus, promovendo, pela sua vida, exemplo e ensino, um encontro existencial entre as pessoas e Jesus. As pessoas têm sede e Deus e os Carmelitas são instrumentos que levam a Água Viva àqueles que A procuram!

*Fr. Pe. Agostinho Marques de Castro
Comissário da Ordem do Carmo em Portugal*

PROMOVER A RENOVAÇÃO DA PASTORAL DA IGREJA EM PORTUGAL

- Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa -

A Igreja em Portugal propõe-se trilhar em comunhão, num só coração e numa só alma, os seguintes rumos:

A) **Primado da graça e nova mentalidade**

Formar comunidades assentes no primado da graça, da contemplação, da comunhão e da oração, sabendo todos bem, pastores e fiéis leigos, que o essencial da vivência cristã e dos frutos pastorais na vida da comunidade não depende tanto do nosso esforço de programação e da multiplicação dos nossos passos e afazeres, mas depende sobretudo da transformação da nossa mente e da conversão do nosso coração operadas pela ação da graça de Jesus Cristo, que disse: «Sem mim, nada podeis fazer» (Jo 15,5). Neste sentido, queremos intensificar a oração pessoal e comunitária, dar a todas as ações litúrgicas a dignidade que lhes é devida, valorizar a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, criar grupos de escuta e partilha da Palavra de Deus.

B) **Comunhão para a missão**

Formar comunidades que sejam autênticas escolas de vivência da fé e da comunhão, gerando entre todos os seus membros laços de fidelidade, de proximidade e de confiança, que se traduzam no serviço humilde da caridade fraterna. É este o caminho para avivar o sentido de pertença à comunidade e para fortalecer os laços da comunhão, que é a primeira forma de missão.

C) **Missão de todos para todos**

Os dois rumos anteriores abrem necessariamente para um terceiro: a missão como empenho da comunidade toda e de todos os seus membros. Torna-se, de facto, necessário que todos os itinerários de catequese e de formação cristã assumam esta perspectiva missionária como elemento central quer a nível de conteúdos quer de método. Isto significa que o chamamento à santidade, ao seguimento de Jesus Cristo, ao serviço na Igreja e à missão são uma única realidade a promover desde a iniciação cristã, continuando com os jovens, e envolvendo as famílias, os adultos, a comunidade inteira.

D) **Testemunhar a fé revitalizada**

Este processo de revitalização do tecido pastoral da Igreja em Portugal continua a requerer o envolvimento de todos os bispos, sacerdotes, consagrados e fiéis leigos, rezando e trabalhando lado a lado, para juntos sentirmos a alegria de sermos discípulos de Jesus Cristo, todos enviados e empenhados em fazer novos discípulos através da transmissão da nossa fé pelo testemunho de vida e pela palavra.

E) **Fomentar iniciativas de iniciação cristã e de formação**

Impõe-se uma aposta mais intensa e dinâmica na iniciação cristã das crianças e jovens, bem como no catecumenato de adultos. Prioritária é também a formação da vivência cristã de todos, particularmente dos agentes pastorais e dos líderes cristãos, que os leve a preparar-se, cada vez mais e melhor, para a missão e a nela se empenhar. (...)

Escuta bem, com toda a atenção, Igreja em Portugal:

- reúne-te à volta de Jesus, aprende a rezar e, com Jesus e como Jesus, vai com alegria e ousadia sempre renovadas à procura e ao encontro dos teus filhos e filhas;

- reveste-te sem ostentação nem riquezas, mas com humildade e verdade e com a ternura de Jesus Cristo;

- acolhe e vive o Evangelho como uma graça recebida, transmite-o com amor e fidelidade, e não como um produto para publicitar ou para colocar no mercado;

- põe todo o esmero a preparar e oferecer, com carinho, verdadeiros itinerários de iniciação e de formação cristã para crianças, adolescentes jovens e adultos;

- redobra o teu empenho na preparação dos candidatos ao sacerdócio;

- fica sempre atenta e vigilante e sê persistente em tudo o que diz respeito à formação permanente dos teus sacerdotes;

- reconhece os consagrados pela riqueza dos seus carismas como membros ativos e indispensáveis no crescimento e na ação do Povo de Deus;

- cuida também da formação dos fiéis leigos, com especial atenção aos mais comprometidos na vida da Igreja e da sociedade, e estimula-os a serem verdadeiros discípulos de Jesus e seus missionários apaixonados e felizes no coração do mundo;

- vela sempre, com afeto maternal, por todos os teus filhos e filhas, e nunca deixes que se transformem em meros funcionários, perdendo o ardor e o primeiro amor.

Maria, Mãe da Igreja e nossa Mãe, Senhora de Fátima, ícone do primado da graça e da oração, do serviço humilde que gera laços de comunhão e de missão, sê nossa companheira nos caminhos que agora nos propomos percorrer para sabermos melhor levar Cristo aos nossos irmãos e os nossos irmãos a Cristo.

“A FÉ ACTUA PELA CARIDADE”

Programa Diocesano de Pastoral 2013-2014

Caríssimos irmãos e irmãs do Patriarcado de Lisboa
Nesta altura, em que retomo o caminho eclesial convosco, junto algumas palavras ao Programa Diocesano de Pastoral já elaborado para 2013-2014, intitulado “A fé atua pela caridade”.

É tema de grande oportunidade e premência. Primeiro, porque se insere no espírito e na continuidade do Ano da Fé, que se prolongam para além do seu encerramento oficial em novembro próximo. Como se o complementássemos com São Tiago: «Pelas minhas obras, te mostrarei a minha fé» (Tg 2, 18). Vivemos um tempo em que esta comprovação solidária e caritativa da fé é sobremaneira indispensável.

Quase nada faremos de credível se não respondermos diretamente às necessidades e urgências que nesse sentido se colocam dentro e fora das comunidades cristãs. A nossa própria fé, exatamente por ser “cristã”, encontra aí a sua resolução, pois nos orienta para um Deus encarnado nas vidas e nas necessidades do próximo: «Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber...» (Mt 25, 35 s).

Seguidamente, por se integrar muito bem no espírito e na letra da Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa de abril passado, em que todos os Bispos acordaram nas linhas básicas da ação pastoral a desenvolver, tendo em vista «promover a renovação da pastoral da Igreja em Portugal».

Tal documento é fruto duma larga reflexão feita nas diversas instâncias eclesiais do nosso país, a partir da *visita ad limina* de 2007. Creio mesmo que nunca se fez uma reflexão tão inclusiva de leigos, consagrados e ministros ordenados, como a que se processou desde então em Portugal. E aí mesmo se diz que, entre os “rumos” a seguir, importa «juntos sentirmos a alegria de sermos discípulos de Jesus Cristo, todos enviados e empenhados em fazer novos discípulos através da transmissão da nossa fé pelo testemunho de vida e pela palavra». E ainda: «O testemunho que damos tem de ser sem disfarces e sem estratégias, humilde, atento, comovido, próximo e acolhedor, que deixe ver, à imagem de Jesus Bom Pastor, uma Igreja que não se fecha sobre si, mas que sai de si, para o átrio deste mundo que Deus ama».

Atuemos então a fé pela caridade. Cristo não fez outra coisa, dando gesto, rosto e figura ao amor de Deus neste mundo. Isso mesmo quer fazer agora, através do seu corpo eclesial, como o tem no Patriarcado de Lisboa.

Em Cristo e convosco,

† MANUEL, Patriarca de Lisboa

Objetivo Fundamental

Na continuidade do Ano da Fé, e mobilizados pelo testemunho impulsionador e pela palavra do Papa Francisco, propõe-se a toda a Igreja de Lisboa a enraizar na vida e nas estruturas **A FÉ QUE ATUA PELA CARIDADE** (cf. Gal 5, 6b).

Para concretizar este objetivo fundamental, propõe-se:

1) Redescobrir a caridade evangélica

Promover as razões da fé, da esperança e da caridade a partir da escuta da Palavra de Deus, nomeadamente do Evangelho, e do estudo dos documentos conciliares, que conduza os cristãos à seriedade da fé manifestada no amor evangélico.

2) Viver a caridade evangélica

Intensificar o exercício da caridade como obra da Fé e testemunho de uma Igreja pobre ao serviço dos pobres, encontrando ações operativas no seio da comunidade cristã e no meio social em que esta se insere.

“A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. A fé não afasta do mundo, nem é alheia ao esforço concreto dos nossos contemporâneos. Sem um amor fiável, nada poderia manter verdadeiramente unidos os homens: a unidade entre eles seria concebível apenas enquanto fundada sobre a utilidade, a conjugação dos interesses, o medo, mas não sobre a beleza de viverem juntos, nem sobre a alegria que a simples presença do outro pode gerar.

A fé faz compreender a arquitectura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança.

As mãos da fé levantam-se para o céu, mas fazem-no ao mesmo tempo que edificam, na caridade, uma cidade construída sobre relações que têm como alicerce o amor de Deus.”

Papa Francisco,
Carta Eclética “A Luz da Fé”, nº 51

SANTA TERESA DE JESUS: HISTÓRIA DE UMA VIDA - 1 -

Os vários ramos da Família Carmelita, sobretudo a antiga e observante Ordem do Carmo e a posterior Ordem dos Carmelitas Descalços, todos incluindo frades, monjas e laicado, começaram a preparar, em sintonia com a Igreja universal, as celebrações destinadas a comemorar o quinto centenário do nascimento daquela reformadora a quem se atribui o título de “Serafina do Carmelo” – Santa Teresa de Jesus, também denominada Santa Teresa de Àvila. O centenário ocorre em 2015, dentro de pouco mais ou menos ano e meio, relativamente a esta data.

Reformadora, Mística, Santa e Doutora da Igreja, Teresa de Àvila nasceu em uma família cristã, na cidade de Àvila (Espanha), em 28 de Março de 1515. No baptismo recebeu o nome de Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada, filha de D. Alonso Sánchez de Cepeda, (casado em segundas núpcias com D. Beatriz de Ahumada) e pai de doze filhos: nove rapazes e três raparigas, entre elas, Teresa. Desta recebemos, por escrito, a confiança de que “era a mais querida de seu pai”, homem de cultura, tal como sua mãe, D. Beatriz, que muito gostava de ler, sobretudo livros com as aventuras de cavalaria, muito apreciadas nesse tempo. Assim se compreende que, na idade de seis anos, o que não era frequente naquela época, Teresa aprendesse a ler, tomando o gosto materno pelos romances de aventuras incluindo as histórias de santos e missionários entre os infiéis.

Teresa, e também seu irmão Rodrigo, apreciavam tanto as vidas dos santos que, jovens ainda, decidiram fugir de casa, à procura das terras dos Mouros, com o expresso sonho de serem martirizados, de modo a ganharem o Céu, como mártires e testemunhas da fé de Jesus Cristo.

Foi uma aventura passageira, mas que já anunciava a lutadora por um ideal de vida apostólica e de intervenção no mundo pela valorização dos desafios da Fé. Mais tarde, em 1529, tendo a idade de 14 anos, e já órfã de mãe, seu pai, para a proteger dos fúteis passatempos juvenis, internou Teresa no Colégio das Religiosas Agostinhas de Àvila, onde ampliou e aprofundou a cultura humanística e religiosa. Em tempo regressou à casa paterna ali se mantendo até que, em Novembro de 1535 (já de maior idade, com vinte anos), sai de casa e procura ser admitida no Mosteiro da Encarnação das Monjas Carmelitas em Àvila. Admitida, como era seu desejo, veio a professar solenemente, tomando o nome de Teresa de Jesus e recebendo o hábito de monja carmelita (naquele tempo só havia a única Ordem de N^a. Senhora do Carmo, com os ramos masculino e feminino, de frades e monjas). Teresa imergiu então de um modo profundo, sério, puro e despojado do mundo, na vida ascética e mística própria da espiritualidade carmelita, chegando a adoecer gravemente por causa do rigor com que vivia a vida escolhida, quase chegando às portas da morte.



Recuperando um pouco, viveu largos anos em convalescença e, durante esses anos, viveu como que em reconversão, em que descobriu, com toda a clareza, que a vida religiosa é para viver na íntegra, sem meio termo – ou tudo, ou nada.

Na idade de 40 anos, entra num processo de concentração da sua espiritualidade na consideração da “humanidade de Cristo” e na vida orante, lendo os artigos da primitiva Regra Carmelita de uma forma radical e não adoçada, ou mitigada. Viu que a prática então corrente de ser monja carmelita não equivalia aos desafios da Regra, pelo que decidiu abandonar o Mosteiro da Encarnação e, num ato de quem se descalça, aventurou-se a fundar, em 1562, o pequeno Convento de S. José de Àvila. Era de facto um pequeno convento onde, com ela, professaram doze monjas, apostadas na vivência da Regra Carmelita na pureza original, em rigor, e, sem mitigação, como ela escreveu: “Procurei sempre viver em silêncio e esperança”.

À procura de viver a Regra na sua pureza chamou-se descalcez. Aos religiosos que seguiram essa prática, chamaram-se descalças e descalços, o que, nas palavras de Teresa significa: seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição”.

Teresa respondia assim à onda de cisma protestante que provinha da Europa Central, e que tantos prejuízos, causou à Igreja como “túnica inconsúcil” de Jesus.

Pinharanda Gomes